

Espaço aberto

Só falta o mais importante

CARMO CHAGAS

O cenário político atual dá a impressão de que a campanha para presidente da República já começou. Os presidenciáveis vão se multiplicando. Os institutos de pesquisa apontam a preferência do eleitorado. Domingo, no Estado, videntes indicaram nomes vários como o ganhador. Assessorias tomam forma. Agências de publicidade preparam equipes. As gráficas, os fabricantes de papel, as produtoras de TV, as empresas especializadas em colar outdoors, os técnicos em alto-falantes, os cabos eleitorais — enfim, todos os que normalmente se envolvem numa campanha eleitoral comportam-se como se a campanha já tivesse começado.

A campanha, no entanto, ainda não começou. Faltam algumas peças fundamentais.

Antes de mais nada, faltam as regras do jogo. Sabe-se que o jogo é de baralho. Mas não se sabe o nome do jogo. Se truco ou pôquer. Se buraco ou mico. A Constituição riscou as grandes linhas. Falta agora todo o resto. Como se distribuirá o horário gratuito na televisão e no rádio? Qual o ritual das coligações para um eventual e muito provável segundo turno? O presidente do TSE, Francisco Rezek, insiste na urgência dessas definições que o Congresso protela.

Falta também definir o candidato do PMDB. O maior partido do País tem um candidato natural, seu presidente, Ulysses Guimarães. Caciques e cardeais peemedebistas, porém, vêm cuidando de realçar a vulnerabilidade dessa candidatura. O veterano e competente Ulysses já viu muitas dessas arapucas. Armou umas tantas para outros caírem. Caiu ele próprio em alguma ocasião (Tancredo Neves, 1984). Ulysses tem até o dia 30, na convenção extraordinária do PMDB, para sair dessa. Até lá, a campanha presidencial de 1989 continuará sem o candidato do maior partido do País.



Falta, igualmente, o candidato da direita. Seja porque político brasileiro recusa esse rótulo. Seja porque os poderosos detentores do rótulo ainda não se entusiasmarão por nenhum dos nomes surgidos. A verdade é que, por enquanto, está faltando o candidato da direita (ou do centro, como preferem dizer).

Aureliano Chaves poderia desempenhar esse papel. Mas talvez tenha demorado demais a se mexer.

E Jânio Quadros? Como sempre, inventa situações, cria fatos, invade o noticiário. Mas

ainda não cumpriu a formalidade de escolher um partido. Está candidatíssimo. Mas ainda não o é. Logo, falta saber se as eleições presidenciais de 1989 terão ou não Jânio Quadros como candidato até o final. E aí ninguém discute: há enorme diferença entre uma campanha com Jânio e uma campanha sem Jânio.

Pelos lados da esquerda há algumas definições. Mas a movimentação é tal que traz à lembrança exemplos de atletas que “viram o fio” — aqueles que atingem o ponto ideal de prepa-

ração antes da competição e, na hora, acabam perdendo.

Falta partido a um dos candidatos, Leonel Brizola. O seu PDT existe. Talvez tenha de fato crescido nas eleições municipais de 1988. Para uma eleição presidencial, entretanto, o PDT continua um partido muito menor que o seu candidato.

Outro candidato à esquerda, Luiz Inácio Lula da Silva enfrenta problema inverso: ficou menor que o partido. Até as eleições do ano passado, a estrela de Lula brilhava tanto quanto a estrela do PT. Ou mais. De lá para cá, a estrela do PT passou a ofuscar a estrela de Lula. A começar por São Paulo, onde a vitoriosa candidata petista não foi indicada por Lula. Ele não tem mais o controle do partido.

Os tucanos do PSDB têm um candidato forte em São Paulo, o senador Mário Covas. Conquistaram uma vitória significativa em Minas, ao ganhar a prefeitura de Belo Horizonte. Portanto, podem dizer que contam com bons pontos de apoio nos dois maiores colégios eleitorais. Nem por isso cala o coro de que o candidato dos tucanos ainda não decolou. E de fato ainda não decolou.

Há, naturalmente, os azarões, como Ronaldo Caiado, da UDR, Afif Domingos, do pequeno PFL, e Collor de Mello, do recém-criado PRN. Azarões às vezes vencem, nas corridas de cavalos. Andaram vencendo eleições brasileiras, nos últimos anos.

Agora, porém, trata-se de uma eleição presidencial especialmente importante. É a primeira, depois de quase 30 anos sem voto direto para presidente — e depois de 6 anos de Figueiredo que se somam a 5 anos de Sarney. São 11 anos de Presidência sem talento, sem ousadia, sem criatividade, sem coragem para decidir. O Brasil não merece mais 5 anos disso.